
EDUCAÇÃO DO CAMPO: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS SIGNIFICATIVAS

Tatiane Novais Brito¹

Resumo: O presente relato apresenta aspectos de um projeto escolar, de caráter interdisciplinar, denominado “Meu chão como caminho possível para construção e significação dos conhecimentos curriculares”, que vem sendo desenvolvido em um espaço campesino no município de Ibiassucê - BA, desde o ano de 2018, em uma turma multisseriada composta por alunos do 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. O texto aborda discussões e caminhos que possibilitam construir uma educação reflexiva e democrática nesse espaço, baseando-se nas concepções teóricas de autores como Arroyo, Caldart e Molina (2011), Caldart (2011; 2015), Frigotto (2010), Roseira (2010), Saviani (2013), Souza, Moreira e Preira (2017) e outros. O texto tem como objetivo descrever práticas que visam (re)significar o ensino, discutir e refletir sobre questões relevantes à Educação do Campo. As atividades desenvolvidas tiveram como princípios metodológicos a consideração da importância do contexto social, espaço de vivência e realidade em que os alunos estão inseridos, utilizando abordagens como a Modelagem Matemática e a educação contextualizada como pressupostos para o desenvolvimento de atividades. Assim, os resultados obtidos foram expressos pelos sujeitos envolvidos. O projeto contribuiu para desconstrução de estereótipos relacionados ao campo, desenvolvendo atividades que consideraram a riqueza cultural, assim como a valorização dos recursos disponíveis nesse chão. Ademais, a primeira etapa do projeto teve relevância para o município como um todo, tendo o relato no Prêmio Professores do Brasil nomeado como o melhor projeto do ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano) do estado da Bahia e em seguida da Região Nordeste, sendo reconhecido nacional e internacionalmente.

Palavras-chave: Educação do Campo; Contexto; Modelagem Matemática; Significação.

RURAL EDUCATION: POSSIBLE PATHS FOR THE CONSTRUCTION OF MEANINGFUL EDUCATIONAL PRACTICES

Abstract: This report presents aspects of an interdisciplinary school project, called “My floor as a possible path for the construction and signification of curricular knowledge” that has been developed in a rural space in the municipality of Ibiassucê - BA since 2018, in a multiseriate class composed of students from the 3rd, 4th and 5th years of Elementary School. The text addresses discussions and paths that make it possible to build a reflective and democratic education in this space, based on the theoretical conceptions of authors such as Arroyo, Caldart e Molina (2011), Caldart (2011; 2015), Frigotto (2010), Roseira (2010), Saviani (2013), Souza, Moreira e Pereira (2017) and others. The text goals are to describe practices that aim to (re)signify teaching, discuss and reflect on issues relevant to Rural Education. The activities developed had as methodological principles the consideration of the importance of the social context, living space and reality in which the students are inserted, using approaches such as Mathematical Modeling and contextualized education as presuppositions for the development of activities. Therefore, the results obtained were expressed by the subjects involved. The project contributed to the deconstruction of stereotypes related to the rural by developing activities that consider the cultural heritage as well as the valorization of the resources available on this ground. In addition, the first stage of the project was relevant for the municipality as a whole, having its report nominated at Teachers of Brazil Award as the best project in the literacy cycle (1st to 3rd year) in the state of Bahia and then Northeast Region, having national and international recognition.

Keywords: Rural Education; Context; Mathematical Modeling; Meaning.

¹ Mestranda em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora na Secretaria de Educação de Ibiassucê - BA. Licenciada em Matemática pela UNEB. E-mail: thati.novais@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6005-6765>

1 INTRODUÇÃO

Frente às vivências educacionais dentro de uma sala multisseriada em uma escola situada em um espaço rural e estudos na área de Educação do Campo, é evidente a necessidade de pensar em metodologias específicas que contribuam com a construção social, política e cultural dos sujeitos inseridos nesses espaços. Desse modo, desenvolveu-se um projeto denominado “Meu chão como caminho possível para construção e significação de conhecimentos curriculares”, dividido em duas etapas: a primeira foi desenvolvida sobre as bases da Educação Matemática, e a segunda partindo de concepções da Educação do Campo contextualizada e da valorização cultural e histórica desses espaços.

A primeira etapa, denominada “Utilização da Modelagem Matemática na construção de significados para os conceitos matemáticos” foi germinada com o intuito de trabalhar problemas reais por meio dos conhecimentos matemáticos, possibilitando aos alunos fazerem leituras de situações utilizando os códigos matemáticos, abordando também questões ambientais em um contexto micro e macro e estabelecendo relações importantes que tangem o seu contexto escolar e os conteúdos curriculares. É válido ressaltar que as atividades foram pensadas para sanar dificuldades apresentadas pelos alunos, significando alguns conteúdos matemáticos e partindo de uma proposta sugerida nas formações de professores propostas pelo PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa)². A iniciativa foi desenvolvida por iniciativa própria, sem financiamento, e abraçada pela escola.

Ao concluir essa etapa, inspirou-se o início de outra, denominada “O chão que pisamos fertiliza nosso saber”. Esta foi construída com intuito de fazer uma nova abordagem histórica e cultural, uma vez que estes espaços são considerados atrasados, havendo também um silenciamento de suas histórias. Frente a isso, a proposta visa valorizar os conhecimentos tradicionais como pressuposto para construção do conhecimento científico, como propõe a teoria Histórico Crítica de Saviani (2013).

É importante considerar que boa parte dos residentes do campo historicamente enfrentam problemas que influenciam diretamente as práticas educativas, e que as pessoas que habitavam esses espaços foram subordinadas e exploradas pelos grandes proprietários de terra, retirando seus direitos mínimos à sobrevivência, o que gerou um movimento de abandono do campo, ao mesmo tempo em que alguns optaram por permanecer. Surgem, assim, os movimentos sociais que, para

² Criado em 2012, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental.

O PNAIC também visa reduzir a distorção idade-série na Educação Básica, melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) e contribuir para o aperfeiçoamento do desempenho dos professores. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/mec-divulga-o-pnaic-2017/>. Acesso em: 05 jun. 2020

além de lutarem pelo direito à terra e a condições mínimas de sobrevivência, reivindicam o direito de haver instituições educacionais nesses espaços.

No entanto, apenas a construção de escolas no campo, fruto da luta dos movimentos sociais, não garantiu o acesso a um ensino de qualidade, uma vez que durante décadas esses espaços foram marginalizados e não vistos como ricos de conhecimentos fundamentais à sociedade. Ademais, por muito tempo foi apenas atribuída a ideia de um lugar produtor de mão de obra para manter o sistema burguês capitalista. Para além dessa problemática, as escolas do campo não são vistas, democraticamente, pelos que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, sendo impostos a essas escolas modelos de educação que não fazem sentido para os sujeitos envolvidos, oferecendo práticas fragmentadas que não contribuem para a formação integral do indivíduo. Nesse sentido, o movimento pela Educação do Campo travou embates para que houvesse mudanças nessas concepções e ações.

Frente a isso, tem-se buscado desenvolver metodologias que visem formar sujeitos sociais, culturais, éticos e políticos a partir de questões que estão presentes no contexto a que essas escolas pertencem. Assim, ao desenvolver o projeto, buscou-se um olhar democrático, proporcionando aos alunos serem protagonistas no processo de ensino e aprendizagem e consequentemente na construção de conhecimentos.

Nessa lógica, esse trabalho teve como objetivos específicos a) propor métodos que se vinculem à realidade dos alunos, a fim de valorizar, refletir e explorar questões e saberes sistematizados na construção da cultura e identidade dos povos residentes do campo; b) a construção de uma formação que alcance o aluno em diversas dimensões, por meio de práticas contextualizadas, buscando (re)construir um olhar democrático que possibilite aos educandos se enxergarem e se valorizarem enquanto sujeitos do campo.

No decorrer do texto será apresentado o aporte teórico que auxiliou na realização de reflexões pertinentes à Educação do Campo. O aporte metodológico foi exemplificado para a concretização do projeto “Meu chão como caminho possível para construção e significação dos conhecimentos curriculares”, bem como as discussões e resultados. Assim, direcionou-se a construção de saberes indispensáveis, com o intuito de contribuir para uma educação democrática e emancipadora. Diante dessa conjuntura, foram evidenciados alguns caminhos possíveis na luta pela Educação do Campo. Por fim, o relato é concluído com algumas provocações e considerações que dizem respeito a aspectos relevantes do projeto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao fazer uma breve análise histórica, nota-se que as relações de produção e crescimento de grupos se baseiam na ligação de subordinação e exploração dos que estão sujeitos a serem

dominados por determinações sociais. Nesse sentido, cita-se a dominação dos proprietários de terra (senhores feudais) sobre os servos, e posteriormente a consolidação da sociedade capitalista que conjectura a submissão dos proletários à burguesia.

Dessa forma, a abordagem de questões que estão diretamente ligadas à subordinação de pessoas em prol da manutenção de poder dos grandes proprietários de terra influencia na formação digna de pessoas que residem no campo. No que diz respeito ao Brasil, Saviani (2013) coloca que a prevalência da concentração de grandes propriedades de terra, o uso predatório destas, a exploração dos recursos naturais e o direcionamento das melhores terras para monocultura de exportação têm agravado a fome que atinge milhões de brasileiros, o que acaba forçando um grande número de camponeses a se mudarem para cidades distantes.

Essa situação de acúmulo territorial, que beneficiavam antigas oligarquias, se agravou com as políticas neoliberais adotadas no Brasil a partir de 1990. O acúmulo territorial gerou conflitos no campo e levou a inúmeros assassinatos de seus residentes, que lutaram/lutam pelo direito de permanecerem em seus espaços e viverem dignamente. Nesse cenário, explodiu a luta de classe que se opunha aos grandes proprietários. Entre esses movimentos, destaca-se o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terras (MST) (SAVIANI, 2013).

Diante desse contexto, “[...] ao tempo que os movimentos sociais lutavam pela terra, começaram a lutar também pela educação [...], sobretudo para cultivar em si mesmo o valor do estudo e do próprio direito de lutar pelo acesso a ele” (CALDART, 2011, p. 91), defendendo o desenvolvimento de pedagogias que “[...] levem em conta o conjunto das dimensões da formação humana” (CALDART, 2011, p. 105). No entanto, as diretrizes metodológicas utilizadas nas escolas do campo, anos iniciais do Ensino Fundamental, não atendem às especificidades, não assegura formação humana e reproduz modelos que visam apenas à inserção dessas pessoas no mercado de trabalho (BAHIA, 2015).

Assim, Caldart, Cerioli e Fernandes (2011, p. 52) afirmam que “atualmente existe um vazio em relação a propostas pedagógicas que tomem o campo como referência; no próprio âmbito das teorias educacionais críticas, o parâmetro é o das escolas urbanas”. Frente a isso, esses modelos não contribuem para a compreensão da realidade local. Ao reproduzir metodologias que não levam em consideração a formação cultural de seu povo, a escola do campo se torna um espaço de repetição de relações que não contribuem para formação de identidade, negando assim a estes o direito de se entenderem e valorizarem enquanto sujeitos do campo.

Nesse contexto, Caldart (2015, p. 35) assevera que “a política educacional atual, no marco ideológico em que se insere, oscila entre aspectos que revelam sua posição de classe, a favor do capital, e aspectos que respondem a interesses de pólos de trabalhos [...]”. Saviani (2013) também aponta essa questão, afirmando que a classe dominante se organiza para que o trabalhador adquira

algum tipo de saber, mas de forma que não o possa produzir, pois se o trabalhador domina essa produção será considerado dono da força produtiva e, no capitalismo, os meios de produção são propriedades privadas. Em síntese, não é viável para esse modo de organização tornar os sujeitos construtores e autores de conhecimentos, uma vez que daria autonomia para aqueles que o sistema capitalista domina.

É nesse sentido que o projeto busca o desenvolvimento de condições para que os sujeitos envolvidos no processo se desenvolvam em suas inúmeras dimensões, sem visar apenas à formação para o trabalho, e que este método satisfaça as “múltiplas necessidades do ser humano no seu devenir histórico” (FRIGOTTO, 2010, p. 34), libertando-os dos muros impostos pela pedagogia burguesa e oportunizando a sua inserção em espaços de formação.

Nesse sentido, a Educação Matemática pode contribuir para a significação e valorização desses espaços, uma vez que existem muitas áreas que subsidiam suas especificidades matemáticas. seu entendimento vai para além da compreensão de conceitos, uma vez que os conhecimentos matemáticos estão intrínsecos na formação e evolução humana, ou seja, ele é inerente a todas as áreas. Cury (1994, p. 18) menciona que essa área do conhecimento é um “campo interdisciplinar, acentuando que seu objetivo é o estudo das relações entre o conhecimento matemático, o professor e os alunos, relações essas que se estabelecem em um determinado contexto sócio-cultural”.

Frente a isso, é possível trabalhar a Matemática abrangendo diversas dimensões humanas ao tempo que se explora o saber sistematizado de forma interdisciplinar, evocando um modelo educacional que faça sentido para as pessoas inseridas em escolas do campo, pois esses processos

[...] conduzem a perceber a interdisciplinaridade como um processo metodológico na construção do conhecimento pelo próprio sujeito a partir das interações socioculturais, num movimento dialético entre uma situação que desvela a realidade de um lado, e, do outro, a sistematização desses conhecimentos integradamente. (SOUZA; MOREIRA; PEREIRA, 2017, p. 60).

Dentre as possibilidades de fazer prosperar a Educação Matemática, há a Modelagem Matemática, que, ao ser inserida na Educação do Campo, pode ser um dos caminhos para construir conhecimento a partir da história, cultura e identidade dos sujeitos do campo.

Uma vez que a Modelagem Matemática é uma abordagem que parte de problemáticas reais com o intuito de resolvê-las utilizando diversas áreas do conhecimento, em especial a matemática, explorando conteúdos como gráficos, tabelas, as quatro operações (tratamento de informações) para se chegar a uma solução acerca de determinada questão, e levando em consideração que os métodos utilizados devem aproximar os educandos de seus espaços, sua utilização pode levá-los a valorizarem e se apoderarem de seus ambientes como possibilidades para explorarem conhecimentos sistematizados e empíricos.

Diante do papel da escola nesse processo de formação, Saviani (2013) declara que é de suma importância viabilizar às novas gerações o mundo dos saberes sistematizados, metódicos e científicos, sendo necessário organizar processos e formas para atingir essa finalidade. No entanto, é preciso considerar que os conteúdos não podem ser a questão principal da pedagogia, pois eles se produzem a partir das relações sociais. Dessa forma, a escola deve “[...] expressar de forma elaborada o saber que surge da prática social” (SAVIANI, 2013, p. 67).

É importante destacar que, ao ponto que a escola não deve se basear apenas na codificação de conteúdo, também não deve se limitar “[...] a reiterar a cultura popular, essa cultura popular assistemática e espontânea [...]” uma vez que o povo “[...]se desenvolve por obra de suas próprias lutas, relações e práticas[...]” (SAVIANI, 2013, p. 69). Por meio da ideia de Saviani, aponta-se que o povo precisa ter acesso ao saber sistematizado e erudito para expor de forma elaborada os conteúdos da cultura popular e assim lutarem por seus interesses.

Ao estabelecer esse olhar para os métodos pedagógicos, adentra-se ao que Saviani (2013, p. 76) definiu como pedagogia histórica crítica, ou seja, “[...] a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana”, tendo como ponto de referência a transformação da sociedade e não a manutenção e perpetuação de poder, ou seja, uma sociedade sem classes.

Nessa perspectiva de uma formação crítica, é necessário entender que o ensino dos conteúdos curriculares não deve ser fragmentado, portanto, uma educação que vise uma formação crítica deve valorizar os espaços e os sujeitos, e deve compreender que os conteúdos curriculares não são apenas apresentados de forma fragmentada, adentrando assim uma perspectiva interdisciplinar e considerando, dessa forma, aspectos sociais, culturais e históricos como fundamentais para a construção dos sujeitos “não apenas no âmbito de sua individualidade, mas também no entendimento de um sujeito inserido em sua cultura, estabelecendo as relações sociais necessárias à sua sobrevivência, enfim, construindo sua história e a história de sua coletividade” (ROSEIRA, 2010, p. 50).

3 METODOLOGIA

O projeto “Meu chão como caminho possível para construção e significação dos conhecimentos curriculares” foi realizado na Escola Municipal Sebastião Novais, situada na área campesina do município de Ibiassucê, localizado no interior do sertão baiano, em uma turma multiseriada que contempla alunos do 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. O município é de pequeno porte, com cerca de 10000 mil habitantes segundo o Censo do IBGE 2010. Um grande percentual de pessoas reside no campo, e boa parte dos que residem na zona urbana desenvolvem alguma atividade no campo, realizando uma movimentação diária. A paisagem campesina é

marcada pela vegetação da caatinga e por alguns períodos de seca, sanados pelos projetos de cisternas. Em se tratando de aspectos educacionais, os estudantes de Fundamental I estudam no campo, e, quando ingressam no Fundamental II, deslocam-se para estudarem na sede ou em um anexo em uma comunidade rural urbanizada (Santo Antônio).

A escola tinha, na época do desenvolvimento do projeto, 30 alunos, sendo que na primeira etapa do projeto a turma possuía 17 alunos e na segunda 20 alunos. Os estudantes que frequentam a escola são filhos de agricultores, com um perfil socioeconômico vulnerável. Dentro do contexto escolar foi perceptível que não havia um reconhecimento profundo de si mesmos enquanto sujeitos do campo e da valorização desses saberes. Assim surgiu o projeto interdisciplinar, envolvendo várias áreas do conhecimento para favorecer a aprendizagem dos alunos. O projeto foi dividido em duas etapas, além da produção dos resultados feita pelos alunos e que é o foco de análise desta pesquisa.

Nesse sentido, esse trabalho traz um relato expositivo de algumas vivências, além de enfatizar a importância destas práticas para a construção de uma educação democrática nos espaços rurais. A discussão e reflexão de questões históricas e estruturais sobre a realidade campesina foram apresentadas utilizando como suporte autores como Arroyo, Caldart e Molina (2011), Saviani (2013), Roseira (2010), entre outros.

A primeira etapa do projeto, denominada “Utilização da Modelagem Matemática na construção de significados para os conceitos matemáticos”³, decorreu a partir da necessidade de solucionar problemas que permeavam o cotidiano da escola, em um contexto de uma turma multisseriada de 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I, no ano de 2018.

Após a observação da realidade escolar em que os alunos estavam inseridos, decidiu-se trabalhar com alguns aspectos da merenda escolar, principalmente no quesito desperdício e quais as implicações em nossa realidade, uma vez que ocorria de forma considerável.

Para aquisição dos dados necessários, os alunos realizaram uma investigação em toda a escola com alunos e servidores da cozinha, por meio de uma pesquisa utilizando como instrumento de coleta de dados um questionário previamente elaborado, que, segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc”. A partir disso, foram construídos gráficos e tabelas, auxiliando na identificação dos alimentos oferecidos na merenda que apresentam maior e menor desperdício. Após registro dos resultados, construíram-se debates sobre a questão alimentar e como esta interfere em nosso cotidiano, assim como no mundo.

³ Etapa premiada pelo Prêmio Professores do Brasil, o relato detalhado se encontra no site http://premioprofessoresdobrasil.mec.gov.br/images/pdf/relatos_2018/alfabetizacao_123_anos/NE_Ciclo_Tatiane_Novais_Brito_Utilizacao_da_Modelagem_Matematica.pdf

O projeto tinha como um dos objetivos resolver o problema do desperdício acentuado. Para isto, após pesquisas e discussões foi construída uma composteira a fim de reciclar, semanalmente, o lixo orgânico e produzir adubo para a horta. A segunda etapa, denominada “O chão que pisamos fertiliza nosso saber”, foi realizada em uma turma multisseriada com 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I. Inicialmente, foi questionado “como seria possível construir uma horta sustentável, utilizando recursos recicláveis, valorizando a terra e suas possibilidades?”.

Para uma compreensão ampla da importância do plantio de hortaliças para a história, vivência, formação de identidade e cultura dos sujeitos residentes no campo, os alunos realizaram entrevistas semi-estruturadas com familiares, sendo o objetivo principal desse tipo de coleta a obtenção de informações sobre determinado assunto ou problema (LAKATOS, 2003). Quanto ao conteúdo, Selltiz *et al.* (1965) destaca a averiguação de fatos, determinação das opiniões sobre os fatos, determinação de sentimentos, descoberta de planos de ação, conduta atual ou do passado, motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas.

As entrevistas versavam sobre questões que tratavam a contraposição entre a tradição dessa atividade e a forma que é desenvolvida atualmente, entre outros pontos visando aproximar os alunos às vivências passadas e presentes. Posteriormente, foram compartilhadas e debatidas as entrevistas em sala de aula, com intuito de estabelecer relações entre essas tradições e a construção social dos sujeitos do campo, enfatizando também a importância da agricultura familiar nesse contexto.

Ao compreender aspectos familiares específicos no que diz respeito à produção e permanência no campo, foi proposta uma ação conjunta com o objetivo de conhecer aspectos coletivos da comunidade. Inicialmente, para estabelecer uma aproximação das extensões e recursos da comunidade com o contexto escolar, foram realizadas duas aulas de campo.

A ação intencionou explorar a vegetação local, com a presença de um antigo morador da comunidade, que auxiliou no reconhecimento das espécies. Esse momento se caracterizou por dar a oportunidade aos alunos de explorar aspectos que até então não haviam sido olhados sensivelmente.

A aula de campo seguinte teve como objetivo explorar os recursos hídricos presentes na comunidade, que abastecem as moradias. Esta contou com a colaboração de um morador da comunidade orientando o passeio por propriedades privadas e públicas. Nesse sentido, a aplicação do projeto propiciou grandes reflexões a serem discutidas na próxima seção.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

O projeto apresenta-se como uma possibilidade de explorar, por meio dos conhecimentos curriculares, situações do contexto em que os alunos estão inseridos, sendo esta uma chamada para olharmos sensivelmente os problemas e tentarmos resolvê-los ou amenizá-los por meio da educação.

Nesse sentido, o trabalho visou projetar um olhar democrático, inclusivo e reflexivo a esses espaços que, diferentemente do estereotipado, podem ser sim um ambiente de construção social por meio da (re)significação dos conteúdos aos educandos, nos quais se construam conhecimentos necessários para reconhecerem-se enquanto sujeitos protagonistas no processo de ensino e aprendizagem, dando aos alunos subsídios para se desenvolverem nas diversas dimensões humanas.

O projeto propõe uma reflexão acerca dos aspectos citados, bem como viabiliza a possibilidade de desenvolver projetos em escolas que são marginalizadas em tempos passados; no passado, antigamente, pela sociedade e dá a esses sujeitos vozes para se manifestarem enquanto produtores de conhecimentos permeados de construções culturais existentes nesses espaços que os tornam diversos, devendo estes atuarem como seres sociais, políticos e culturais.

Na primeira etapa da construção das composteiras, houve também a reativação da horta da escola, utilizada como fonte de possibilidades para construir conhecimentos, no que diz respeito ao cultivo da terra e sua importância, como é possível ver na Figura 1.

Figura 1: Construção da composteira.



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A partir disso, os alunos, em parceria com os demais profissionais da escola, construíram um sistema de irrigação utilizando garrafas PET, montaram canteiros utilizando restos de PVC, semearam sementes orgânicas, entre outras ações, representadas nas Figuras 2a e 2b.

Figura 2: Preparação do solo para o plantio e construção do sistema de irrigação.

(a)

(b)

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Ao estarem em campo, os alunos pesquisaram e identificaram plantas características da região, como estas sobrevivem a longos períodos secos e qual sua importância social e geográfica. Ao retornarem para sala, conteúdos de português (produções textuais, classificação de palavras, morfologia das palavras, entre outros), matemática (situações problemas), geografia (tipos de vegetação, características locais e regionais, importância das chuvas, entre outros) foram abordados utilizando a situação vivenciada em campo, conforme ilustrado pela Figura 3.

Figura 3: Primeira aula de campo, explorando a vegetação local.

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Nessa oportunidade, foram explorados também os diferentes tipos de solo presentes na comunidade, sendo recolhidas pelos alunos amostras que foram levadas para uma avaliação minuciosa em sala, onde foram debatidas suas características e possibilidades de plantio. E, assim como na outra aula, as vivências desta foram utilizadas para explorar conteúdos curriculares de matemática, português, história e geografia.

Essas vivências possibilitaram trazer algumas questões para o debate, como, por exemplo, os períodos chuvosos e secos com que a população local lida anualmente e como ela faz para se organizar de forma que seja possível distribuir água durante todo o ano, a qualidade da água utilizada e os seus locais de armazenamento, como mostram as Figuras 4a e 4b.

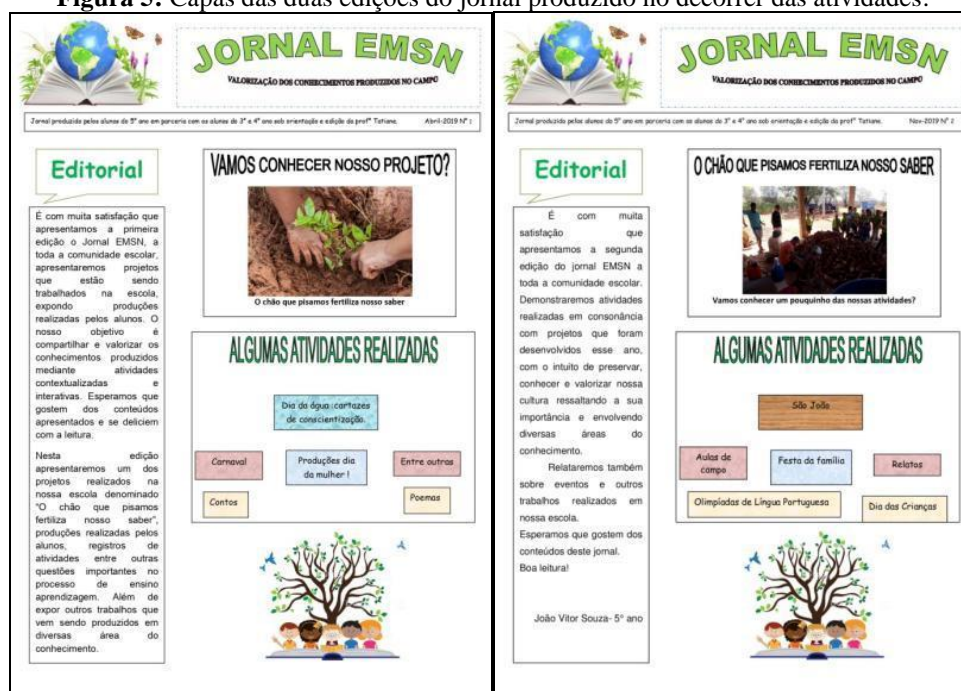
Figura 4: Segunda aula de campo, explorando os recursos hídricos.



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Nesse contexto, munidos das informações da pesquisa de campo, os alunos construíram um jornal (Figura 5) contendo informações sobre as produções que estavam sendo realizadas na escola, com o intuito de trabalhar esse gênero textual e divulgar com a comunidade escolar as ações desenvolvidas. Os dados foram organizados e produzidos pelos alunos em sala de aula e foram divulgados na edição do jornal. Essa ação envolveu e compartilhou com a comunidade o que estava sendo desenvolvido dentro e fora dos muros escolares, considerando a importância dessa relação para a construção de uma escola democrática.

Figura 5: Capas das duas edições do jornal produzido no decorrer das atividades.



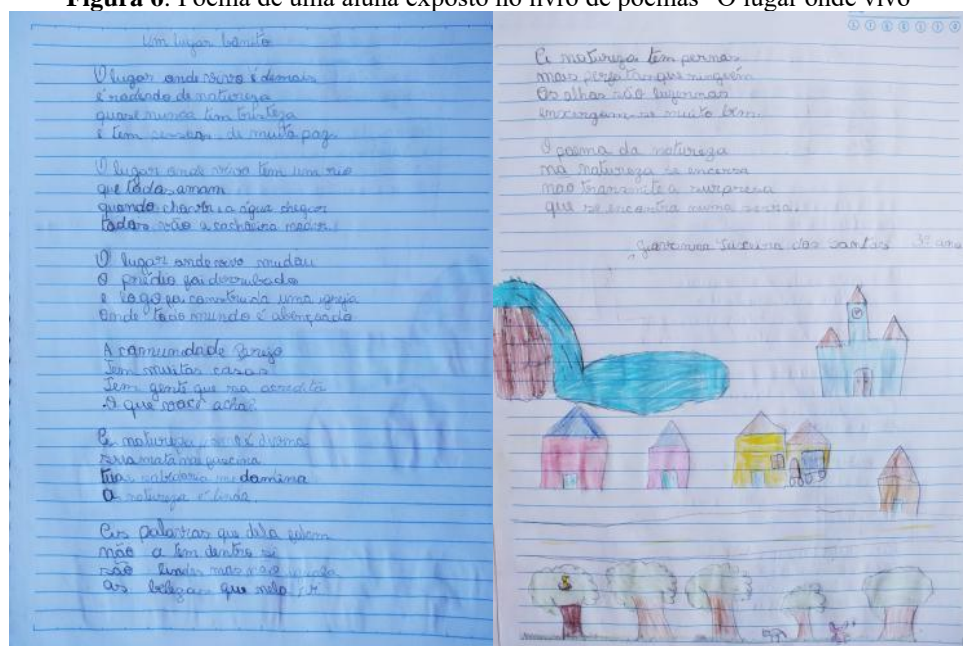
(a)

(b)

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Na sequência, foi feita a construção de poemas associado às oficinas das Olimpíadas de Língua Portuguesa, cuja temática era “o lugar onde vivo”, exigindo dos alunos um olhar sensível e profundo sobre seus espaços. Ressalta-se que apenas os alunos do 5º ano concorreram; no entanto, os demais anos também produziram poemas que deram origem a um livro de poemas, “O lugar onde vivo”, como mostra a Figura 6, que atualmente está exposto na instituição escolar.

Figura 6: Poema de uma aluna exposto no livro de poemas “O lugar onde vivo”



(a)

(b)

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Após essa prática, os alunos produziram relatos de personalidades da comunidade, a partir de entrevistas que elaboraram e aplicaram. Descrevendo a vida de parentes e vizinhos, deram origem a relatos que versaram sobre histórias importantes para a construção identitária da comunidade. Essas produções constituíram um portfólio que também registrou fotos catalogadas das aulas de campo, de acordo a Figura 7, estando este exposto na escola com o objetivo de valorizar e contar histórias, aspectos e fatos importantes para a comunidade escolar.

Figura 7: Páginas do portfólio com registros de fotos e relatos.



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

As práticas mencionadas foram realizadas visando resgatar aspectos da agricultura familiar, do espaço geográfico e da formação histórica, entre outras questões de relevância para os residentes da terra, evidenciando durante a execução do projeto o respeito aos conhecimentos herdados de suas famílias para construção da identidade. Além disso, o projeto propiciou momentos nos quais os alunos pudessem compreender a importância do cultivo da terra de forma consciente e sustentável e a necessidade de conhecer/valorizar o chão em que se pisa como fonte inesgotável de conhecimentos, bem como recursos para a manutenção da vida.

Os educadores devem promover esse processo desconstruindo os muros impostos que fragmentam o conhecimento e tornam a educação obsoleta. Isso porque, segundo Caldart, Cerioli e Fernandes (2011), existe um abismo entre as propostas pedagógicas utilizadas no campo, que se estabelecem tendo como parâmetro as metodologias utilizadas nas escolas urbanas, e a realidade dos alunos; sendo assim, a educação não contribui para que os sujeitos do campo compreendam sua realidade.

Ao desconsiderar as especificidades do campo, as ações realizadas com os educandos pertencentes a esses espaços não oferecerão representatividade e significado do que está sendo

construído, conseqüentemente não alcançarão o aluno em suas múltiplas dimensões. Assim, a escola, de acordo com Arroyo, Caldart e Molina (2011, p. 14) pode ser um espaço privilegiado de conhecimento, cultura, valores e identidades, não fechando os horizontes, mas “[...] abri-los ao mundo desde o campo, ou desde valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo”.

Ao finalizar as atividades, os resultados do projeto foram visíveis, uma vez que notava-se que alunos adquiriram consciência quanto ao uso dos recursos que a natureza dispõe, conheceram aspectos culturais e identitários que são fundamentais para a construção humana, demonstraram um olhar sensível e contemplador frente às suas vivências e espaços, valorizando-os, além de terem apresentado um maior interesse pelos saberes sistematizados.

5 CONCLUSÕES

Enquanto sujeitos do campo, os alunos que residem nas zonas rurais devem ter acesso a uma educação de qualidade que faça sentido para eles. É notório que, ao se referir a esses espaços, parte da sociedade acredita que é um espaço que vive à margem da produção de conhecimento. Como afirmam Arroyo, Caldart e Molina (2011, p. 11) “por muito tempo a visão que prevaleceu na sociedade, continuamente majoritária em muitos setores, é a que considera o campo como lugar atrasado do inferior, do arcaico”. Explorar a realidade como fonte de situações que podem ser examinadas utilizando as áreas do conhecimento faz com que a aprendizagem se torne mais atrativa e significativa.

O projeto se apresenta, então, como uma possibilidade de considerar problemas e situações reais como ponto de partida para a construção de saberes sistematizados, valorizando espaços e vivências que fazem parte da construção identitária dos sujeitos, dando ao contexto escolar uma significação para além da reprodução de métodos, levando-os a refletirem, compreenderem e explorarem o chão em que pisam, considerando-o como fundamental para a construção de uma sociedade mais democrática.

Além de propor uma reflexão acerca dos aspectos citados, desenvolver projetos em escolas que são marginalizadas pela sociedade dá a esses sujeitos vozes para se manifestarem enquanto sujeitos construtores de conhecimentos permeados de construções culturais existentes nesses espaços e que os tornam diversos, devendo esses sujeitos atuarem como seres sociais, políticos e culturais.

Mediante isso, é possível afirmar que a escola do campo é um espaço rico de possibilidades e que dele podemos retirar possibilidades para a construção de uma escola campesina de qualidade, que valorize e reconheça seus espaços e povos como primordiais na construção de uma educação humanizada que forme em sua integralidade.

6 AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente aos meus alunos, por serem meus parceiros nessa caminhada, dando-me a motivação necessária para lutar por uma Educação do Campo justa e democrática.

Agradeço aos meus colegas de trabalho da Escola Municipal Sebastião Novais, em especial à minha companheira de profissão Dilene Moreira, por todo apoio e incentivo na realização de projetos que levem em consideração a formação integral dos sujeitos inseridos no campo.

Agradeço à minha orientadora Marinalva Nunes Fernandes pelos direcionamentos na realização de reflexões e produções pertinentes à educação.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma Educação do Campo**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BAHIA. Secretaria da Educação Conselho Estadual de Educação. **Resolução CEE Nº 103**, de 28 de setembro de 2015. Dispõe sobre a oferta da Educação do Campo, no Sistema Estadual de Ensino da Bahia. Salvador, 28 de set. de 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3eJukcY>. Acesso em 03 mai. 2020.

CALDART, Roseli Salete. A escola do campo em movimento. *In*: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 89-131.

CALDART, Roseli Salete; CERIOLI, Paulo Ricardo; FERNANDES, Bernardo Mançano. Primeira Conferência Nacional “Por uma educação básica do campo”. *In*: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.p. 21-63.

CALDART, Roseli Salete. Semiárido: Educação Politécnica e Agricultura Camponesa. *In*: CALDART, Roseli Salete; STEDILE, Miguel Enrique; DAROS, Diana (Orgs.). **Caminhos para transformação da escola: agricultura camponesa, educação politécnica e escolas do campo**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 19-41.

CURY, Helena Noronha. **As concepções de Matemática dos professores e suas formas de considerar os erros dos alunos**. 1994. 276 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 1994.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ROSEIRA, Nilson Antonio Ferreira. **Educação matemática e valores: das concepções dos professores à construção da autonomia**. Brasília: Liberlivro, 2010.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico crítica**: primeiras aproximações. 11 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SELLTIZ, Claire *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva; MOREIRA, Kardenia Almeida; PEREIRA, Milene Rejane. A interdisciplinaridade na prática dos educadores sociais do Programa de Criança Petrobras. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 54-67, 2017.

Submetido em: 30 de abril de 2020.

Aprovado em: 26 de maio de 2020.